



*Ilana nunca havia tocado um instrumento, antes dos 50 anos (Foto: Arquivo pessoal)*

Bastaram uma pandemia e um aterrorizante diagnóstico médico para que eu percebesse toda a força que havia dentro de mim. Foi como se tivesse me chocado a um muro e batido de frente, fazendo com que me dividisse. Daquela minha vida que eu conhecia, nada mais era como antes.

Foi em abril deste ano, após ficar isolada meses a fio em meu apartamento por causa da covid, e enquanto o mundo ainda tentava se adaptar a uma nova realidade, que minha vida mudaria para sempre.

Com o cancelamento dos eventos em que trabalhava como produtora (desde grandes shows até casamentos) e o tempo dividido na massacrante rotina doméstica, tentando manter a família entretida e alimentada, a necessidade de me reinventar e buscar alternativas foi aumentando.

Mas como diz o ditado “nós fazemos planos e Deus ri da gente”.

Recebi uma ligação do meu marido, que é médico oncologista, com a notícia. Meu Deus, eu estava com câncer de mama!

Depois do primeiro susto, fiquei muda, anestesiada. Acho que o primeiro desafio quando se descobre que tem câncer é tentar admitir para si mesma. "Você digeriu muito bem", meu marido me disse, sem ter ideia de que eu ainda não tinha absorvido nada.

Somente após uma semana na cama, tentando me equilibrar e ganhar forças, me senti minimamente preparada para procurar absorver minha nova realidade.

O que vem a seguir, penso eu, é uma questão que atinge todo mundo que se encontra no meio de uma crise. Para quem eu conto? Devo me abrir e falar da minha situação de saúde? Pessoas irão me julgar ou me tratar como se eu estivesse no corredor da morte?

A solidão e o recolhimento naquele instante me ajudaram a responder essas questões. Sou bastante comunicativa e amo demais as pessoas para querer sofrer sozinha. Decidi, então, me abrir e compartilhar a minha história. Foi um alívio imediato e pude receber o amor e a ajuda das pessoas.

Mas foi somente na minha terceira rodada de quimioterapia, que entendi completamente o real significado de ter câncer de mama e o impacto que isso teria no resto da minha vida.

Nesse momento a dor realmente bateu forte. Quimioterapia, tratamento, fadiga que deixa você dias e dias de cama. Os tufo de cabelo por cima do travesseiro, do chão e no ralo do chuveiro. Aquelas dores absurdas nas manhãs, um jeito cruel de me trazer para uma realidade que eu não queria encarar.

Comecei a procurar respostas, me sentia insegura com aquela nova situação. Será que vou sobreviver? Será que é minha culpa? O que fiz de errado? Recebia conselhos de todo mundo, porque quando você diz a palavra "câncer", parece que todos ao seu redor se tornam especialistas no assunto.

Escutei que era para cortar definitivamente o açúcar. Melancia é a solução. Também deveria mentalizar, meditar, deixar fluir pensamentos positivos. Sentar e relaxar, imaginar a minha cura. Mas agora me diga, como imaginar minhas células de câncer desaparecendo sentada na cadeira de quimioterapia. Sério? Como relaxar enquanto um veneno está correndo por suas veias? Não existia nada que pudesse me deixar com pensamentos positivos. A verdade era que me sentia cada vez mais depressiva.

Precisava encontrar uma saída. Uma visita do rabino trouxe alguma luz a minhas dúvidas. "Um homem pode perder sua saúde ou seu dinheiro," disse ele, "mas ele não pode perder sua disposição de lutar".

Era isso mesmo, eu pensei. Então, comecei a arquitetar meu novo eu. Como poderia dar o primeiro passo, sabendo que as coisas não seriam mais as mesmas?

Para mim, foi a música.

Sei que, à primeira vista, pode parecer que a música sempre esteve presente na minha vida, certo? Pois é, mas não foi bem assim.

Comecei a aprender sobre música depois dos 50 anos. Achei o baixo elétrico da minha filha no escritório. O instrumento estava lá por anos, só pegando poeira. Decidi tentar. Era hora de parar de me importar com aquilo que as pessoas pensavam sobre mim. Assim, tomei coragem para aprender algo novo e me aventurei.

Durante o lockdown, trancada no meu apartamento em Nova York com minha família, notei todo o tempo que havia à minha disposição. Eu precisava colocar minha energia em outra coisa, algo novo. E logo... todo o meu tempo livre foi para praticar baixo. Engraçado, como uma pandemia me ajudou a liberar um talento musical por tantos anos escondido e que eu desconhecia.

Toda essa nova dedicação me levou a gravar e lançar duas músicas -- uma na voz de Sway Bhatia, atriz de *The Mighty Ducks: Game Changers* e *Succession*. Sim, porque também me descobri compositora! Tocar baixo me lembrava dos sonhos que mantive no armário por tanto tempo, e me ajudou a continuar criativa durante a batalha com o câncer. Isso, além de encorajador, foi fundamental.

*Verdade que não foi uma estrada fácil, mas também sei que pela escuridão aprendemos a ver luz. Hoje, tenho um canal de YouTube e meu blog. Ambos lançados durante a pandemia e dedicados a encorajar mulheres a saírem do anonimato. E agora levo a música a sério. Não vivo dela, mas passou a ser uma ocupação regular, não só um hobby.*

*O resumo disso é que descobri que todos somos mais fortes do que imaginamos. Até a vida deixar você sem escolhas, a não ser lutar, é que você enxerga o quão forte pode ser. Sempre digo para a minha filha: 'Se eu pude aprender música com 50 anos, você pode fazer o que quiser'."*